

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

**LUNA, Julia Graciela da Silva¹; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo²;
PORTO, Gilceane Caetano³**

¹ Universidade Federal de Pelotas - Curso de Licenciatura em Pedagogia; ² Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Fundamentos da Educação. ifrison@terra.com.br;

³ Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Ensino. gil.porto@terra.com.br

1 – INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID, desenvolve um trabalho pedagógico em uma escola da Rede Municipal de Ensino que visa agregar novos conhecimentos à prática docente, estreitando o vínculo entre Universidade e escola em uma ação conjunta entre bolsistas Pibidianos, professores, alunos, supervisora e coordenadora da escola. O PIBID/Pedagogia UFPel realiza encontros semanais na escola e tem como objetivo qualificar os processos de aquisição da leitura e da escrita dos alunos de primeiro e segundo anos.

Para planejar as intervenções necessárias à aprendizagem do aluno, o primeiro passo consistiu em avaliar os conhecimentos prévios de cada educando. Com esta finalidade foi realizada uma avaliação diagnóstica, que permitiu verificar as hipóteses das crianças em relação à leitura e a escrita. Essa avaliação foi feita a partir de instrumentos especificamente organizados para esta finalidade. Realizamos a avaliação individualmente para todas as crianças do primeiro e segundo ano, totalizando 94 crianças. Após a aplicação do teste com cada uma das crianças, montamos um quadro síntese, no qual foram inseridos os resultados individuais, revendo, no conjunto de toda a turma, os diferentes níveis de aprendizagem relacionados à alfabetização encontrados nas turmas analisadas. A partir do diagnóstico de cada turma, iniciamos o planejamento das atividades que poderiam contribuir para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

A avaliação diagnóstica realizada na escola foi feita com três turmas de segundo ano e uma turma de primeiro ano, mas aqui relataremos a avaliação de duas turmas de segundo ano que tem como principal característica crianças multi repetentes.

Para a avaliação diagnóstica das crianças realizamos uma entrevista individual, que teve como instrumento um roteiro previamente definido junto com as coordenadoras do projeto do curso, as professoras supervisoras da escola e as bolsistas. Após algumas reuniões de estudo e reflexão sobre como realizar a entrevista e organizar o material necessário para esta finalidade, as bolsistas deram início ao processo de avaliação. A avaliação permitiu revelar qual o conhecimento foi construído pelas crianças sobre a leitura e a escrita até aquele momento.

Ao registrarmos e organizarmos os dados referentes a cada aluno, os professores tiveram melhores condições de planejar o desenvolvimento das atividades. O objetivo, portanto não foi classificar ou rotular os alunos, mas organizar estratégias pedagógicas para ajudar cada aluno ou grupo a avançar do estágio ou nível de aprendizagem em que se encontram. Diante disso, a avaliação da aprendizagem escolar deve ser vista como um meio e não um fim em si mesmo.

2 – METODOLOGIA

A avaliação permitiu perceber os diferentes níveis em que os alunos se encontravam em relação à aquisição do processo de leitura e escrita. Decidimos que realizaríamos o diagnóstico das crianças, especialmente, em forma de entrevistas individuais, conversando com um aluno de cada vez pra poder perceber os conhecimentos sobre a leitura e a escrita de cada criança.

Em primeiro lugar propomos aos alunos que escrevessem seu nome e explicamos que eles poderiam escrever da maneira que sabiam fazer. Quem sabia o nome completo poderia escrevê-lo.

Depois dessa primeira tarefa proposta aos alunos, começamos a conversar e conhecer alguns gostos, saber da rotina do aluno, ou como sua família se constitui, com isso, foi possível encaminhar a próxima tarefa que foi propor a escrita de quatro nomes pertencentes ao mesmo campo semântico e que tivessem um número distinto de sílabas. Começamos pedindo que escrevessem a palavra com maior número de letras e assim sucessivamente. As palavras escolhidas para essa tarefa caracterizavam-se por apresentar o seguinte contraste uma tinha poucas sílabas, mas o significado referente era grande como, por exemplo, cavalo. Outra palavra tinha mais sílabas, mas o significado referente era menor como, por exemplo, borboleta. Perguntávamos sempre ao aluno se ele conhecia os objetos mencionados e qual era o maior para, em seguida, pedir-lhe uma antecipação da quantidade de letras da palavra, com isso tínhamos o objetivo de conhecer com que hipótese o aluno estava regulando a quantidade de grafias para escrever as palavras.

Pedíamos também que o aluno escrevesse uma frase que deveria conter a palavra dissílaba ditada anteriormente. Após o aluno escrever as quatro palavras e a frase pedíamos então que ele nos relatasse o que escreveu e que lesse para nós.

A tarefa subsequente a esta, consistiu em pedir ao aluno que escrevesse todas as letras que conhecia, quando o aluno não escrevia todas as letras então completávamos o seu repertório sugerindo a escrita de outras letras que ainda não tinham sido escritas pelo educando. Depois que o aluno escrevia todas as letras que lembrava perguntávamos que letra era aquela para a qual apontávamos e se ele sabia alguma palavra que começasse com aquela letra, no caso do aluno não ter todas as letras escritas na folha, mostrávamos as letras que já estavam previamente organizadas para essa tarefa.

Seguindo a avaliação apresentávamos ao aluno diversos cartões com grafismos diferentes, letras, palavras, frases, desenhos, pseudoletas, números e símbolos. Feito isso perguntávamos se ele sabia o que eram esses cartões, o que estava contido neles. A seguir pedíamos que os alunos organizassem os cartões, separando os que servissem para ler dos cartões que não servissem para ler. Após pedíamos para que nos explicasse porque alguns dos cartões serviam para ler e outros não. Tudo foi anotado na folha de registro. O objetivo desta atividade é o de averiguar as primeiras idéias pessoais das crianças sobre a língua escrita: como interpreta os signos gráficos e que condições devem reunir esses signos para ter significado, isto é, para representar simbolicamente a linguagem. (CURTO 2000, p. 221).

Uma outra tarefa proposta aos alunos foi apresentar quatro folhas contendo imagens e texto, uma a uma, pedíamos que o texto logo abaixo da imagem fosse

lido, com isso podíamos observar qual a interpretação que o texto escrito recebia a partir da informação que a imagem acima fornecia.

A última tarefa consistia em mostrar imagens de alguns animais e uma ficha com o nome de um desses animais escrito. Depois de mostrar as imagens e iniciar um diálogo para ver se o aluno conhecia aqueles animais pedíamos que ele lesse o que estava escrito na ficha que era colocada abaixo da imagem. Após colocávamos o mesmo nome em outra imagem e então perguntávamos se continuava escrito o mesmo nome ou se havia mudado o nome em função de termos mudado a ficha de lugar. Com isso podíamos observar se o aluno não fazia nenhuma associação da escrita com o desenho, ou seja, o aluno podia dizer que o nome que está naquela ficha não correspondia a nenhuma das imagens mostradas, se o aluno associava o escrito ao desenho levando em conta algum indício como número de letras, vogais, letra inicial, tamanho da palavra ou letras conhecidas, se o aluno variava a representação conforme a imagem, ou seja, dependendo da imagem o que estava escrito na ficha mudava ou se o aluno mantinha constante o significado do escrito. A palavra que tínhamos na ficha era “Leão” e os animais eram cavalo, cachorro, leão e elefante.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar a atividade da escrita dos nomes podíamos observar que com alguns alunos tínhamos que insistir um pouco mais, porque eles diziam/pensavam que não sabiam escrever o seu nome. Contudo, todos escreveram o primeiro nome.

Alguns alunos no começo de sua escolaridade pensam que escrever e desenhar são a mesma coisa e com isso vários alunos ao serem avaliados preferiam desenhar para depois colocar algumas letras ao lado do desenho. Essa resposta nos indica que é preciso ler com eles muitos contos, mostrar-lhes muitas escritas diferentes, com desenhos ou sem ele, em livros e cartazes, rótulos, cartas, etc. (Curto 2000, p. 218).

Já na tarefa de escrita das quatro palavras muitos mencionavam que não sabiam escrever e só depois de insistirmos eles escreviam algumas letras para a palavra que tínhamos ditado a eles. Do total de alunos avaliados dessas duas turmas de segundos anos apenas um aluno encontrava-se no nível alfabético. Os demais estavam nos níveis, pré-silábico dois. Nível em que o aluno escreve letras aleatórias para as palavras que tentam escrever e silábico alfabético, no qual atribuem uma letra para cada sílaba da palavra que devem escrever.

Quando propomos a escrita da frase vimos que vários alunos tinham muitas dificuldades para escrever a frase e atribuíam várias letras, com isso, após o aluno escrever as quatro palavras e a frase pedíamos então que ele nos relatasse o que escreveu e que lesse para nós, mas, na maioria das vezes, o aluno não lembrava mais o que tinha escrito e somente alguns decifravam a escrita porque conheciam algumas letras ou lembravam do que tinha sido pedido para escreverem.

Na atividade relativa à escrita das letras do alfabeto notávamos que a grande maioria dos alunos conheciam quase todas as letras, mas de forma mecânica porque muitos só sabiam que, por exemplo, o “B” era de “bola” e se mostrássemos uma outra palavra que começasse com esta letra não conseguiam identificar a letra.

Observamos também que os alunos conseguiam distinguir letras de números, identificando que os números não serviam para ler e sim para contar, as letras que apresentávamos sozinhas segundo a grande maioria das respostas, não davam para ler porque era uma letra somente. As imagens eram para eles apenas

desenhos e não davam para ler porque não tinham letras. A maioria dos alunos comentou que frases davam para ler, mas que eles não conseguiam ler.

Na tarefa que pedimos para que eles lessem a frase abaixo da imagem, a maioria dos alunos “lia” o que estava escrito a partir da imagem, mas podíamos notar que em muitos casos os alunos entravam em conflito porque o que liam começava com determinada letra, mas eles observavam que a letra inicial da frase era outra, ficando um tanto confusos, mas preferiam deduzir pela imagem o que estava escrito.

Na última tarefa proposta observamos que a grande maioria dos alunos conseguiam ler a palavra “Leão” mas, no momento de associar a palavra à imagem, tivemos respostas bem variadas poucos alunos mantinham constante o significado do escrito e apenas sete dos 50 alunos testados afirmavam que a palavra escrita na ficha só poderia ser associada à imagem da ficha no qual tinha o leão.

Portanto a partir dos resultados apresentados podemos notar que inserir a avaliação como parte fundamental do planejamento pedagógico é um desafio constante para quem assume a função de educador na gestão de uma sala de aula, bem como nos espaços convencionais dos processos educativos. Com isso ao oferecer aos professores desta escola, assim com às bolsistas do PIBID, condições para o conhecimento da realidade dos alunos avaliados, tivemos a oportunidade de elaborar estratégias que subsidiaram a ação docente para o conhecimento da realidade e sua intervenção. Com isso o produto desse diagnóstico individual disponibilizará durante todo o processo pedagógico a ação consciente por parte dos professores no momento de elaborar seu planejamento. Assim o objetivo pretendido foi fazer uma avaliação para saber investir no desenvolvimento da capacidade de ler e escrever das crianças.

4 – CONCLUSÃO

Após a realização desse trabalho concluímos que a avaliação diagnóstica dos alunos possibilitou experimentar propostas de ensino/aprendizagem em relação a aquisição da leitura e da escrita trabalhando reflexivamente a partir do pensamento infantil. Também foi fundamental para que pudéssemos identificar quais eram os conhecimentos dos alunos sobre a leitura e a escrita. Portanto, esta avaliação foi um ponto de partida no qual foi possível organizar, ordenar e sistematizar todo o planejamento a ser realizado com as crianças. Com os resultados obtidos, foi possível decidir qual o próximo passo a ser realizado e qual seria a melhor forma de realizá-lo para com isso fazer com que a aprendizagem tivesse sentido para o educando e para que o ensino da linguagem fosse significativo. Esta avaliação possibilitou também fazer com que as professoras dessas turmas avaliassem o seu trabalho pedagógico e com isso foi possível ajuda-las a rever suas práticas de ensino.

5 – REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v.14).
- MARUNY CURTO, Lluís. **Escrever e Ler: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler/** Lluís Maruny Curto, Maribel Ministrál Morillo, Manuel Miralles Teixidó; trad. Ernani Rosa - Porto Alegre: Artmed, 2000.